



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Filosofia política de Maquiavel: algumas considerações sobre o realismo no pensamento político de Maquiavel

Por: Maicon Martta³⁰

maicon.martta@ifms.edu.br

Resumo

O presente artigo busca apresentar as principais contribuições de Maquiavel no âmbito da Filosofia Política. Com isso, objetiva-se fundamentar o Realismo Político tão notório e tão significativo na estrutura do pensamento maquiavelano. Nesta perspectiva, buscou-se a base na situação política da Itália renascentista e nos ideais patrióticos do pensador florentino. Como pai do pensamento político moderno, Maquiavel não esboçou nenhuma teoria política inédita ou desconhecida de seu tempo, mas inaugurou o que chamamos de Realismo Político, concepção que foi fundamental para o desenvolvimento dos Estados Modernos. A política de Maquiavel, portanto, não se fixa em

30. É mestrando em Estudos Fronteiriços pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS, é Especialista em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, é Especialista em Ensino e Aprendizagem de Geografia pela Universidade Católica de Brasília - PUC - Brasília, é Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Salesiana de Santa Teresa - FSST, é Graduado e Licenciado em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul - UCS. Fez cursos de extensão em Teoria Geral da Ética, Leitura e interpretação de textos filosóficos em Latim e Filosofia para crianças. É servidor público federal, docente EBTT, lotado no Instituto Federal do Mato Grosso do Sul - IFMS, na cidade de Corumbá/MS. Atua nas áreas de Filosofia, Sociologia, Antropologia, Geografia e Teologia. É autor dos livros "Ensaio - Filosofia pré-socrática" (2015), "Pensamentos de ontem para depois de amanhã" (2014) e "Ética e liberdade em Spinoza" (2013).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Estados idealizados e utópicos, como acontece com as contribuições políticas de seus antecessores e contemporâneos, mas se refere a ciência do real partindo de observações práticas e empíricas próprias do espírito da renascença. A partir de um método analítico descritivo, baseando-se em texto de teóricos da filosofia política de Maquiavel, conclui-se que há equívocos na leitura do autor, em especial no que concerne o seu realismo político e sua abordagem histórica. Equívocos que o presente trabalho busca elucidar para tornar a leitura da obra de Maquiavel mais acessível e compreensível.

Palavras-chave: Realismo Político; Estado Moderno; Maquiavel; Pensamento Político.

Resumo

Tiu artikolo celas prezenti la ĉefaj kontribuoj de Maquiavel pri Politika Filozofio. Tiel, la objektivo estas subteni la Politika realismo tiel konata kaj tiel signifa en maquiavelano penso strukturo. En tiu perspektivo, ni serĉis la bazo de la politika situacio en renesanca Italio kaj la idealo patriotaj Florenca pensulo. Kiel patro de moderna politika penso, Maquiavel ne profili ajna nova aŭ nekonata politika teorio de sia tempo, sed malfermiĝis kio nomiĝas Politika Realismo, koncepto kiu estis fundamenta por la disvolviĝo de moderna Usono. Maquiavel politiko do ne fiksita en idealigita kaj utopia ŝtatoj, kiel kun la politikaj kontribuoj de liaj antaŭuloj kaj samtempuloj, sed rilatas al reala scienco ekde proprajn praktikojn kaj empiriaj observaĵoj de la spirito de la Renesanco. El priskriba analiza metodo, bazita sur teksto teoriistoj de politika filozofio de Maquiavel, ĝi finis ke ekzistas eraroj en la aŭtora legado, precipe kiel konsideroj lia politika realismo kaj historia alproksimiĝo. Miskomprenoj ke tiu papero provas klarigi fari legadon de Maquiavel laboron pli alirebla kaj komprenebla.

Ŝlosilvortoj: Politika realismo; Moderna ŝtato;



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Abstract:

This article aims to present the main contributions of Machiavelli within the Political Philosophy area. Based on that, it is purposed to sustain that the Political Realism has been notorious and meaningful in the Machiavelli's thought structure. From this perspective, it has striven for the basis of Renaissance Italy aiming the political situation as well as the patriotic perspectives of the Florentine thinker. As the father of modern political thinking, Machiavelli has outlined neither new nor unknown political theory from his period; nonetheless he has unveiled what has been named Political Realism whose conception had been the central issue for the development of Modern States. Machiavelli political guidelines, therefore, is not established in idealized and utopic States, as it has happened to his predecessors and contemporaries, rather it refers to the precise application from practical and empirical observations belonging to the spirit of Renaissance. Developed from a descriptive and analytical approach, based on theoretical texts about the political philosophy of Machiavelli, it is possible to draw a conclusion on the existence of misconception in the author's reading, in particular on what refers to its political realism and historical perspective. Those misconceptions are expected to be clarified in the present paper to make the reading of Machiavelli works more accessible and intelligible.

Keywords: Political Realism; Modern State; Maquiavel; Political Thought.

INTRODUÇÃO

A modernidade trouxe em seu bojo mudanças significativas em vários segmentos humano. No âmbito das ciências passou a se distanciar dos conceitos teológicos num processo de secularização que se estendeu também aos âmbitos da moral, da ética e, como não poderia ser



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

diferente, da política. O reestudo do mundo antigo (greco-romano), o surgimento e enriquecimento de uma nova classe - a burguesia - levaram ao fortalecimento dos Estados Nacionais, assim como novos estudos sobre a sociedade, a moral e a política.

Nesse contexto de mudanças sociais e políticas, de descobertas e redescobertas que Maquiavel surge como pai da Política Moderna. Mas, o que fez de Maquiavel para receber tão honroso título? A resposta mais direta seria: a introdução do realismo político. Essa resposta sucinta nos leva a outro questionamento: Em que consiste o realismo político de Maquiavel?

Essas duas questões fundamentais é que norteiam o presente trabalho na pretensão de esclarecer e analisar esses termos como reais contribuições de Maquiavel para o desenvolvimento político e dos Estados Modernos.

Para compreensão de tal estudo o presente trabalho se espelhará nas principais obras do pensador florentino, com destaque na sua obra mais emblemática *Il Príncipe*, perpassando pelas demais obras políticas. Para isso, o presente artigo será dividido em três partes que se complementam para o entendimento do pensamento político maquiavelano e o esclarecimento do realismo introduzido por ele. A primeira parte se refere ao panorama histórico da Itália do tempo em que Maquiavel viveu. Essa parte é de suma importância para o entendimento da metodologia adotada



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pelo filósofo florentino e a construção do seu realismo político. A segunda parte se dedicará a apresentação do pensamento político de Maquiavel e a terceira à construção do seu realismo político e sua contribuição para a Política e para o desenvolvimento dos Estados Modernos.

PANORAMA HISTÓRICO DA ITÁLIA DE MAQUIAVEL

Qualquer análise das obras de Maquiavel que não considere o panorama histórico se torna mera especulação. O professor João Carlos Brum Torres (2008) escreve que

[...] foi o espetáculo recorrente das hegemonias duramente conquistadas logo perdidas, das disputas curas de poder, das divisões agudas entre os compatriotas e da insegurança permanente, peculiar às circunstâncias italianas, o que despertou o interesse de Maquiavel pela ação e pela intriga política e que, assim, fez com que o foco de sua fina inteligência se concentrasse, imediatamente, sobre o fenômeno do poder político tomado em estado puro. (TORRES, 2008, p. 09)

Se faz mister, portanto, compreender esses eventos que chamaram a atenção do pensador florentino fazendo com que esse debruçasse toda a sua inteligência e crítica aos acontecimentos políticos do seu tempo. O entendimento do extremado realismo utilizado por Maquiavel é indissociável de um entendimento histórico. Aliás, a comparação histórica entre líderes antigos e modernos parece ser o método preferido de Maquiavel para expor



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

seus pensamentos. Isso pode ser comprovado nas obras *Discorsi supra la prima deca di Tito Lívio; Il Princípe; Della'arte della Guerra* e também nos *Escritos Políticos*. A não compreensão histórica da Itália Renascentista é a grande responsável pelas tão divergentes interpretações das ideias de Maquiavel.

Maquiavel se apresenta como um típico homem do renascimento e sua análise metodológica indutivo-empírico foi o próprio espírito da renascença que lhe inspirou. Com o fortalecimento do humanismo e o conseqüente secularismo que se estendia por toda a Europa, o poder antes centrado na figura do Papa, concentrava-se cada vez mais nas mãos dos reis. O fortalecimento das monarquias nacionais significava o enfraquecimento da igreja e da nobreza. Abrão (2004) salienta que esses acontecimentos “também representava a ascensão de uma nova classe social, a burguesia, dedicada às finanças, ao comércio e à manufatura [...]” (2004, p. 129). Essa ascensão teve um importante papel no contexto político da renascença, uma vez que essa classe apoiava política e economicamente a coroa em troca de proteção aos seus prósperos negócios.

Nesse prisma, a Itália de Maquiavel, pela sua posição geográfica privilegiada, surgiu como um dos países mais ricos, uma vez que controlava o comércio no Mediterrâneo. Posição que a fez chamar a atenção dos seus vizinhos europeus. É importante notar que foi “também nessa



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

península que as comunas desenvolveram-se em Cidades-Estados, o que impediu por séculos, ao contrário do que aconteceu em outros países, a unificação nacional italiana” (ABRÃO, 2004, p.129). Este parece ser o tema central de uma das obras mais emblemáticas da história do pensamento ocidental: *Il Príncipe*.

A pretensão de Maquiavel em escrever seu pequeno tratado é a unificação dos Estados italianos que, não obstante formamente democráticos, eram controlados, na prática, por poderosas famílias burguesas. “OS Visconti e depois os Sforza, em Milão, e os Médice, em Florença [...]” (2004, p. 130). Para que isso fosse possível seria necessário, primeiramente, um exército nacional forte, e aqui se encontra outro tema recorrente nas obras de Maquiavel: a necessidade de uma milícia própria em que se poderia confiar.

Essa vontade expressa por Maquiavel de uma unificação nacional italiana fica bastante evidente no último capítulo de *Il Príncipe* em que há o apelo para que se livre a Itália das mãos dos bárbaros e que se fortaleça internamente para que situações semelhantes não mais ocorram. Neste capítulo final de *Il Príncipe*, assim como em seu pequeno tratado de estratégia militar *Della'arte della Guerra*, evidencia-se, acima de tudo, a obra de um patriota que, como escreve com maestria Brum Torres

[...] é também a obra do cidadão de Florença que não se conforma com a impotência e a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

decadência italiana, com a ausência de um Estado Nacional e com as humilhações que dela decorrem: mas do que tudo, a submissão repetida das questões italianas à influência e à vontade das grandes potências, notadamente Espanha e França (2008, p.16).

Levando isso em consideração, deve-se ter em mente que a Itália de Maquiavel era um agregado disforme de pequenas unidades extremamente marcadas por conflitos regionais. Neste contexto, a cena política europeia era marcada por conflitos em que a ética e a moralidade eram visivelmente inoperantes.

No final do século XV, Carlos VIII, rei da França invade Milão, Parma, Florença, Roma e avança para Nápoles. É detido por tropas de uma coligação de cidades italianas. Seu sucessor, Luís XII, segue-lhe os passos, mas perde Nápoles para Fernando de Aragão, rei da Espanha. Em outras regiões a situação não é diferente (MAQUIAVEL, 2004).

Maquiavel é um observador de todos esses eventos e faz disso tema de suas reflexões. Sadek (1993, p.21) salienta que “face à Itália de sua época – dividida, corrompida, sujeita as invasões externas – Maquiavel não tinha dúvidas: era necessária sua unificação e regeneração”.

Essa regeneração e unificação só poderiam ser realizadas com um governante que seguisse os preceitos propostos pelo pensador florentino em seu famoso *O*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Príncipe (grifo nosso), como indica o último capítulo dessa obra.

Não obstante, o conhecimento histórico dos conflitos que envolviam a Itália renascentista é de extrema relevância para o entendimento do pensamento de Maquiavel e da configuração das suas obras. Soma-se a isso o inegável e perceptível patriotismo desse pensador, que torna a leitura de seus textos mais claros para que se faça uma análise fiel de sua obra.

O PENSAMENTO POLÍTICO DE MAQUIAVEL

Os métodos favoritos de Maquiavel para apresentar seu pensamento já foram apresentados, sendo a comparação histórica o mais eficaz dos seus meios. Observar os eventos políticos do seu tempo é observar também os erros cometidos por seus governantes. Isso incomoda bastante o pensador florentino que não entende a relutância dos governantes em seguir os mestres do passado, como se pode comprovar logo no primeiro livro do *Discursi sopra la Prima Deca de Tito Lívio*, onde se lê:

[...] Isso, porque as leis civis não são outra coisa senão sentenças dadas por antigos juriconsultos, as quais, postas em ordem, ensinam os nossos presentes juriconsultos a julgar; assim também a medicina não é outra coisa senão a experiência feita pelos antigos médicos e sobre a qual os médicos de hoje formam os seus juízos presentes. Entretanto, quão se trata de organizar as repúblicas, de manter os estados, de governar os reinos, de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

regularizar o exército e administrar a guerra, de julgar os súditos, no dilatar o império, não se encontra num príncipe, nem capitão, nem cidadão, que recorra aos exemplos dos antigos. (MAQUIAVEL, s/d, p.76).

O mesmo apelo pode ser lido no *Il Príncipe*:

Agora, no que diz respeito ao exercício do pensamento, deve o príncipe ler histórias de países e avaliar as ações dos grandes homens, verificar como se conduziram nas guerras, analisar os porquês de suas vitórias e derrotas, para ser capaz de escapar destas e imitar aquelas; deve, principalmente, agir como teriam agido em épocas remotas alguns grandes homens, que imitavam os que antes deles tinham sido glorificados por suas ações, como se diz de Alexandre Magno que imitava a Aquiles, César a Alexandre, Cipião a Ciro [...] (2004, p. 97).

Parece que Maquiavel tomou para si a responsabilidade de mostrar as vantagens do *olhar histórico* (grifo nosso) sobre a política, tomando essa abordagem como parte de seu método. Essa abordagem peculiar que leva Maquiavel ao realismo político. Sadek (1993, p.19) nos diz que Maquiavel com seu "diálogo com os homens da antiguidade clássica e sua prática levam-no a concluir que por toda parte e, em todos os tempos se podem observar a presença de traços humanos imutáveis". Esses traços são o egoísmo, a velhacaria, a inveja, a ingratidão e todos aqueles pressupostos que nos fazem afirmar que a política é conflito e conflito em torno de interesses. Daí a afirmação de Maquiavel em *Il Príncipe* que

[...] Os homens costumam ser ingratos,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

volúveis, dissimulados, covardes e ambiciosos de dinheiro; enquanto proporcionar benefícios todos estão contigo, oferecem-te sangue, bens, vida, filhos, como se disse antes, desde que a necessidade dessas coisas estejam bem distantes. (2004, p. 106).

Por outro lado, o homem possui um lugar privilegiado no Cosmos que faz através da sua relação com o meio uma inesgotável fonte de conhecimentos. Por essa razão o estudo da história não representa para Maquiavel uma mera erudição, mas “um desfile de fatos dos quais se deve extrair as causas e os meios utilizados para enfrentar o caos resultante da expressão da natureza humana” (SADEK, 1993, p.19). Não é por menos que Strauss escreve que “Foi Maquiavel maior do que Cristóvão Colombo, que descobriu o continente sobre o qual Hobbes pôde edificar sua doutrina” (STRAUSS *apud* TORRES, 2008, p.08).

A observação do passado permite que Maquiavel se situe de maneira estratégica em seus escritos podendo, dessa forma, fazer suas críticas sem levantar suspeitas de seus opositores, acentuando suas críticas, apelos e sugestões. O próprio Maquiavel ilustra sua preferência ao conhecimento dos antigos quando escreve a Francesco Vettori contando de forma poética seus dias de exílio em sua propriedade de *Sant’Andrea in Percussina*, Comuna de *San Casciano*, em *Val di Pesa*, na *Toscana*. (grifos nosso).

[...] Ao cair a noite, de volta a casa, entro no meu escritório; na porta tiro minhas roupas cotidianas, sujas de barro e de lama, e coloco



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

as de corte ou de cerimônia, e, trajado com decência, penetro na antiga convivência dos grandes homens do passado; acolhido pela bondade deles, nutro-me daquele alimento, o único que me convém e para o qual vim ao mundo. (2004, p.155-156).

Percebe-se o prazer de Maquiavel ao vestir suas vestes de honras para dialogar com os mestres do passado. Suas principais obras foram escritas durante esse retiro forçado em que o diálogo do passado lhe proporcionou elementos para refletir a política moderna e encaminhar as diretrizes para uma possível unificação italiana. Desse período datam as principais obras de natureza política de Maquiavel como *O Príncipe* (1513), o *Discurso sobre a Primeira Década de Tito Lívio* (1513-1521) e a *Arte da Guerra* (1519-1520).

Maquiavel enquanto secretário e chanceler da República chefou missões junto a outros Estados italianos e também na França. Também realizou inovações em diversos campos da administração, em especial no militar preconizando a criação de um exército regular, denominada Milícia Nacional (Cf. MAQUIAVEL, 2004). Ressalta-se que essa carreira se desenvolveu após a expulsão dos Médices de Florença. Com o retorno da família dos Médices, Maquiavel foi preso, torturado e afastado de toda a atividade pública obrigando-se a se restringir à sua propriedade na Toscana.

Il Príncipe, a obra mais famosa de Maquiavel, foi publicada postumamente em 1532 e dedicada a Lourenço de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Médice. Nela o autor registra, de forma única, a arte política dos antigos e também dos estadistas do seu tempo. Analisando esses registros o pensador florentino formula uma série de conselhos ao Príncipe objetivando o bem do Estado.

Apesar dessa obra ser publicada postumamente o seu manuscrito circulou por bastante tempo sendo bem aceito neste período e depois de sua publicação. Só veio a ser criticada de forma pejorativa depois da segunda metade do século quando os jesuítas e os puritanos ingleses deformaram a concepção política do autor, passando a palavra maquiavelismo significar cinismo, maldade, falta de caráter etc.

Em relação a demora da publicação especula-se que Maquiavel estaria esperando um momento específico para alcançar um caráter prático no curso da política italiana. Mas, como salienta Burd (2006), o momento favorável estava passando justamente quando Maquiavel estava escrevendo o livro, não mais tendo voltado enquanto o autor viveu.

As ideias contidas em *Il Príncipe*, nesta perspectiva, não suscitaram escândalos antes da crítica inglesa, o que se compreende perfeitamente, levando-se em conta que elas estavam em consonância com a prática política vigente da época.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O Professor Bombassaro (2006) ainda sobre a natureza do livro apresenta outros argumentos em favor da aceitação da obra. Escreve ele:

Outra prova de que *Il Príncipe* não chamou desde logo a atenção geral como tratado político revolucionário, está em que o Papa não hesitou em encomendar a Maquiavel, depois de já ter sido divulgado o livro em manuscrito, a História de Florença, nem recusou o seu *imprimatur* para a publicação póstuma da obra. (2006, p.02).

Esses aspectos sobre o livro mais polêmico de Maquiavel força uma releitura de sua obra com um olhar mais atento sobre as reais intenções do autor com a sua filosofia política.

A respeito disso, o pensador florentino, possui uma ideia bastante sólida, que marca o Realismo Político que instaurou. Porque para Maquiavel, não importa refletir sobre governos ideais e utópicos que jamais se realizarão, mas o real, aquele que acompanha a natureza humana e seu desejo de poder. Assim, Maquiavel destaca em sua obra política dois tipos de governo: Um próprio para o tempo de paz, uma República; e um próprio para o tempo de guerra, nesse caso um Principado. “No pensamento de Maquiavel, a justificação do absolutismo coexiste com um manifesto entusiasmo pela forma republicana de governo”. (BOMBASSARO, 2006, p.06).

Pela situação de instabilidade política da Itália de Maquiavel e a necessidade de unificação dos seus Estados,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

se qualifica a necessidade de um governo forte que consiga cumprir tais objetivos. Por isso a exaltação da força na obra O Príncipe.

Sadek (1993, p.20) pensa nesse sentido quando escrever que

Maquiavel sugere que há basicamente duas respostas à anarquia decorrente da natureza humana e do confronto entre os grupos sociais: O Principado e a República. A escolha de uma ou de outra forma institucional não depende de um mero ato de vontade ou de considerações abstratas e idealistas sobre o regime, mas da situação concreta. Assim, quando a nação encontra-se ameaçada de deterioração, quando a corrupção alastrou-se, é necessário um governo forte, que crie e coloque seus instrumentos de poder para inibir a vitalidade das forças desagregadoras e centrífugas.

É sobre esse pano de fundo que Maquiavel inaugura o Realismo Político e concede aos líderes dos governos modelos de situações similares em que governantes do passado triunfaram ou falharam. Aquele que governasse com sabedoria e *virtù*, sendo forte e astucioso, garantiria o sucesso ao se manter no poder e nas grãs de seus súditos.

O REALISMO POLÍTICO E AS CONTRIBUIÇÕES DE MAQUIAVEL PARA O PENSAMENTO POLÍTICO

O realismo político aparece como a grande contribuição de Maquiavel à Política de uma maneira geral. O fato de partir de situações concretas e reais e não de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

modelos idealizados e imaginados de uma sociedade perfeita foi crucial para a formação e desenvolvimento dos Estados Modernos.

O maquiavelismo, de acordo com o Professor Bombassaro (2006), não é nem uma doutrina nem uma teoria política elaborada abstratamente, por cujas consequências se possa com justiça responsabilizar pessoalmente a Maquiavel. É uma narrativa do real, que exige do governante habilidades e competências próprias da doutrina política. Nesse contexto, Maquiavel invoca algumas expressões como *Virtù* e *Fortuna* e a analogia do *Leão* e da *Raposa*. (Grifos nosso).

No Capítulo XV de *Il Príncipe* pode se ler:

Como [...], minha intenção não é escrever sobre assuntos de que todos os interessados tirem proveito, julguei adequado procurar a verdade pelo resultado das coisas, mais do que por aquilo que delas se possa imaginar. E muitos imaginaram repúblicas e principados nunca vistos ou reconhecidos como reais. Tamaña diferença se encontra entre o modo como se vive e o modo como se deveria viver que aqueles que se ocuparem do que deveria ser feito, em vez do que na realidade se faz, aprendem antes a própria derrota do que sua preservação; [...] (2004, p.99)

A *virtù* surge como uma virtude tipicamente política, oposta ao que se traduz das virtudes teológicas e morais.

[...] e, quando o homem desejar professar a bondade, natural é que vai à ruína, entre tantos maus. Assim, é preciso que, para se conservar, um príncipe aprenda a ser mau, e que se sirva ou não disso de acordo com a necessidade. (2004, p.99).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Com isso Maquiavel, mostra que depende da habilidade do Príncipe a manutenção do poder. Esta habilidade se caracteriza pela *virtù*. O príncipe de *virtù* sabe usar a *fortuna* (sorte) a seu favor, mesmo quando ela não se apresenta favorável. É um tipo de ação que difere em muito das virtudes morais, uma vez que para isso, o príncipe deve fazer o que for preciso.

Sadek (1993, p.23) escreve que

A força explica o fundamento do poder, porém é a posse de *virtù* a chave por excelência do sucesso do Príncipe. [...] O governante tem que se mostrar capaz de resistir aos inimigos e aos golpes de Sorte. [...] O homem de *virtù* deve atrair os favores da cornucópia, conseguindo, assim, a fama, a honra e a glória para si e a segurança para seus governados.

Nessa habilidade que Maquiavel ressalta a famosa analogia do Leão e da Raposa. A habilidade do Príncipe reside também em usar a *virtù* para escapar das armadilhas e afugentar os inimigos, mas sem despertar o ódio do povo.

Nas palavras de Maquiavel:

Precisa, portanto ser raposa para conhecer as armadilhas, e leão para atemorizar os lobos. Os que se servirem exclusivamente dos leões não serão bem-sucedidos. Por esse motivo, um príncipe prudente não pode e nem deve manter a palavra dada quando isso lhe é nocivo e quando aquilo que a determinou não mais exista. Fossem os homens todos bons, esse preceito seria mau. (2004, p.110).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Mas a se valer disso, o príncipe deve usar a *virtù* para não se tornar odiado. O príncipe pode ser amado e temido, nos diz Maquiavel, mas não pode ser odiado.

E dentre as coisas de que um príncipe se deve poupar estão o tornar-se necessitado ou odioso. E a liberalidade conduz a uma ou a outra coisa. Dessa maneira, portanto, o mais prudente é gozar fama de miserável, o que provoca má reputação sem ódio, do que, para conseguir fama de liberal, ver-se forçado a ter também a de rapace, pois tal se constitui numa infâmia odiosa. (MAQUIAVEL, 2004, p.103).

O ódio dos súditos pode derrubar o príncipe. Maquiavel é categórico em afirmar que pouco importa ao príncipe as tramas e armadilhas do inimigo se o povo estiver ao seu lado, mas se este é contra, deve temer tudo e a todos (2004, p. 129). Percebe-se com isso, a relevância dada por Maquiavel à participação do povo na política, mesmo em tempos de guerra e instabilidade. Rousseau (2005) percebe isso e entende bem o propósito de Maquiavel quando escreve em seu *Contrato Social* que “fingindo dar lições aos reis, deu-as, grandes, ao povo. O Príncipe de Maquiavel é o livro dos republicanos” (ROUSSEAU, 2005, p.159).

Já se ressaltou que na justificação do absolutismo coexiste um entusiasmo republicano de governo. De fato, Maquiavel expressa a república como sendo a melhor forma de constituição de governo, depois de conquistada a paz. (Cf. MAQUIAVEL, S/d. Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Partindo da situação concreta que se encontra a Itália de seu tempo, Maquiavel busca indicar as melhores alternativas para que o Príncipe possa livrar o território dos invasores bárbaros e unificar os Estados em uma Nação.

Charles Benoiste *apud* Bombassaro (2006) afirma que há um Maquiavelismo anterior à Maquiavel, e isso se confirma na medida em que se percebe que o autor de *Il Príncipe* alicerçou as suas máximas políticas no conhecimento da história clássica e na observação dos fatos e personalidade de sua época.

Rômulo, Licurgo, Fernando de Aragão, Francisco Sforza, Cezar Bórgia, Alexandre VI, tais foram alguns dos heróis da mitologia maquiavélica – heróis que o precederam no tempo ou que foram os seus contemporâneos, de cujas ações ele extraiu os ditames de sua sabedoria política. (BOMBASSARO, 2006, p.12).

Assim, a exaltação da força e da astúcia, a ideia de que a justiça é o interesse do mais forte, o recurso a meios violentos e cruéis não foram noções ou receias inventadas por Maquiavel, mas remontam à antiguidade clássica, às fábulas de Esopo e de Fedro ao pensamento dos sofistas gregos, por exemplo, repetindo as constantes malignidades da natureza humana que, como salienta Bombassaro (2006, p.11) “nem mesmo a Idade Média Cristã conseguiu eliminar de todo na prática política e que no Renascimento ressurgiram violentamente reivindicando para



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

si mesmas uma primazia insólita na direção dos negócios humanos” (2006, p.11).

Portanto, Maquiavel não traçou regras políticas que estivessem em contradição com o seu tempo e que passassem, desde então, a serem germes de corrupção ou incentivos ao absolutismo, como uma leitura descuidada de sua obra sugere. O que Maquiavel fez foi registrar dados de fato, normas empíricas de conduta que explicavam no passado e no presente os êxitos e fracassos políticos; ao mesmo tempo interpretou as tendências políticas da época, que eram o absolutismo real e o secularismo, sob cujos auspícios nascia o Estado Moderno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentaram-se neste artigo algumas considerações acerca do pensamento político de Maquiavel e seu realismo político. Uma leitura despreparada, sem a fundamentação histórica adequada, sem o conhecimento de causa, pode levar a deturpação da ideia do maquiavelismo.

Convém, com isso, ter em mente que há um falso maquiavelismo popularmente difundido em todo mundo, fruto de deturpação e da má fé, ou da simples ignorância, com o qual nada tem a ver o pensamento de Maquiavel. Ou pelo menos do qual este distingue tão nitidamente como o pensamento de Marx, por exemplo, se distingue do marxismo.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Entretanto, certo é que existe um maquiavelismo real e autêntico, correspondendo exatamente às ideias genuínas do pensador florentino, à sua técnica política, à sua conceituação pessimista da posição do homem na sociedade e à sua concepção das relações do indivíduo com o Estado. Não é prudente, por isso mesmo, afirmar, sem maiores distinções, que Maquiavel não é maquiavélico - não o é, certamente, no sentido vulgar da palavra, como Marx também não é marxista - mas, examinadas objetivamente, sem qualquer partidismo, as suas ideias configuram uma posição ideológica, uma pragmática política que merece uma qualificação própria pelo seu evidente conteúdo revolucionário fundamentalmente em atrito com a consciência moral da tradição política cristã.

Maquiavel se coloca, na história do pensamento político, como um típico homem da renascença e, como tal, encarna uma mentalidade impregnada de secularismo, oposta a ética tradicional acentuando a experiência e a prática. Nisso consiste o realismo político que nos esforçamos a pontuar.

Nesta perspectiva, para esclarecimento e auxílio da obra de Maquiavel, se trouxe a situação histórica da Itália renascentista. Um panorama repleto de conflitos e corrupção. Trouxe-se também, como se estrutura o pensamento político de Maquiavel, para mais uma vez, em



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

minúcia, discorrer sob as contribuições de Maquiavel e a fundamentação do seu realismo político.

Assim, mostrou-se que Maquiavel codificou e difundiu as normas práticas que sempre regularam a conduta humana no plano político, definindo a política como uma ciência do real não submetendo a prática política ao crivo de um código moral meta-histórico.

Referências

- ABRÃO, Bernadete Siqueira. **História da Filosofia**. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- BOMBASSARO, Décio Osmar. **Pensamento Político de Maquiavel**. Caxias do Sul: Manuscrito, 2006.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- _____. **Escritos Políticos**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- _____. **Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio**. São Paulo: Editora Gamma, s/a.
- _____. **A Arte da Guerra**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008.
- SADEK, Maria Tereza. "Nicolau Maquiavel: o cidadão sem fortuna, o intelectual de virtù" *In* WEFFORT, Francisco C. (org.) **Os clássicos da Política**. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- TORRES, João Carlos Brum. **Maquiavel e a Arte da Guerra**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008.